

POSSE, CÓPULA, LOCAÇÃO E EXISTÊNCIA NAS LÍNGUAS NATURAIS: INDÍCIOS DE UM SUPORTE UNIVERSAL *

Juanito Ornelas de AVELAR

RESUMO *Apresentam-se alguns fatos interlingüísticos que corroboram a tese de que construções possessivas, copulativas, locativas e existenciais são geradas a partir de um mesmo esquema semântico-sintático subjacente, com lugar em todas as línguas naturais (Lyons 1968, Freeze 1992).*

PALAVRAS-CHAVE: *Faculdade da linguagem, sintaxe gerativa, verbos leves, papéis temáticos.*

ABSTRACT *Some interlinguistic facts are showed as properties that corroborate the thesis that possessive, copulative, locative and existential constructions are generated from a same abstract syntactic and semantic basis, present in every natural language.*

KEYWORDS: *Language faculty, generative syntax, light verbs, thematic roles.*

Línguas de famílias diversas demonstram um comportamento bastante similar no que diz respeito às propriedades demonstradas por sentenças copulativas, locativas, possessivas e existenciais, exemplificadas respectivamente pelos casos do português em (1) a seguir. O objetivo deste trabalho é mostrar que a comparação de paradigmas dessa natureza, envolvendo gramáticas das mais diversas famílias de línguas, torna o estudo desses padrões sentenciais um programa de investigação profícuo para a apreensão de possíveis universais da linguagem.

- (1) a. Muitas pessoas são/estão felizes no Brasil.
b. Muitas pessoas felizes estão no Brasil.
b. O Brasil tem muitas pessoas felizes.
c. Tem/Há muitas pessoas felizes no Brasil.

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de março de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Jairo Morais Nunes.

As diferenças intersistêmicas envolvendo essas construções estão restritas, em geral, à ordem dos constituintes dentro de uma ou outra construção e à quantidade e combinação das formas verbais empregadas para veicular os três padrões. O português, por exemplo, emprega quatro verbos distintos (*ser, estar, ter e haver*) para o mesmo paradigma que línguas como o húngaro e o finlandês realizam apenas com um verbo (*van e olla*, respectivamente). Contudo, abordagens como as de Lyons 1968, Clark 1978 e Freeze 1992, dentre outras, evidenciam que as semelhanças na geração dessas construções, entre as diversas línguas do mundo, são bem mais proeminentes que as diferenças. Efeitos de definitude, por exemplo, quase sempre determinam propriedades que vão estar associadas à organização de um ou outro tipo sentencial. Um caso padrão é o da interpretação existencial, que requer, em boa parte das línguas (talvez na maioria delas), o estabelecimento de uma relação entre um constituinte nominal indefinido e um marcador locativo. Já as estativas especificamente locativas tendem a associar uma expressão espacial ou temporal a um constituinte nominal definido, que, nestes casos, geralmente vai aparecer na posição de sujeito. Os casos em (2)-(7) a seguir, extraídos de línguas diversas (Freeze 1992), revelam esse padrão. Em (2a)-(7a), temos construções locativas, equivalentes àquelas com *estar* seguido de um constituinte preposicionado locativo no português. Em (2b)-(7b), temos construções existenciais, equivalentes àquelas com *ter/haver* em uso impessoal com sentido próximo ao de *existir*. O ponto a ser notado é que, em todos os exemplos, estamos diante de construções locativas e existenciais organizadas com os mesmos constituintes, com a seguinte singularidade: na interpretação propriamente locativa, que corresponde aos casos em (a), o sintagma nominal ocorre numa posição estrutural em que adquire um valor definido (como *the book* e *o livro* em inglês e português), enquanto nas construções existenciais, o sintagma nominal se encontra numa posição onde adquire um valor indefinido (como *a book* e *um livro*).¹

- (2) a. *ʔulaad* kanu ʔa(la) l maktab. ÁRABE PALESTINO
 boys COP.PAST.plu on the desk
 ‘The boys were on the desk.’
- b. kaan fii *ʔulaad* ʔa(la) l maktab.
 COP.PAST.plu P boys on the desk
 ‘There were boys in the desk.’
- (3) a. ɲ-ɲar a sers-ek *a bilis.* PALAUAN
 3sg-COP.P NP garden-my NP a dog
 ‘The dog is in my garden.’

¹ Ao longo do artigo, serão usadas as seguintes designações nas glosas: COP: copulativo, PAST: passado, sg: singular, plu/PL: plural, P: índice locativo (similar ao *there* em construções existenciais do inglês), D: determinante, loc/LOC: adposição locativa, NOM: nominativo, GEN: genitivo, FEM: feminino.

existência para construir suas possessivas, da mesma forma que o padrão das possessivas do latim, como em (10).

- (8) bir ev-im var TURCO
uma casa-minha é
'Tenho uma casa'
- (9) nadur morin buy MONGOL CLÁSSICO
de mim um cavalo é
'Tenho um cavalo'
- (10) mihi est pecunia LATIM CLÁSSICO
para mim é dinheiro
'Tenho dinheiro'

Um dado relevante é o apontado em Harley 2001, que associa determinadas propriedades de construções possessivas à presença ou ausência de um verbo inerentemente possessivo armazenado no acervo lexical de uma língua. A autora argumenta convincentemente que o padrão possessivo ao qual uma gramática recorre depende essencialmente da existência de um verbo especializado na expressão de posse (como *ter* e *have* no português europeu e no inglês); quando tal verbo inexistente, o sistema tende a elaborar suas construções de posse com os verbos locativo e/ou copulativo. Este é o caso observado, por exemplo, em (8)-(10) acima, bem como em línguas como o irlandês, com o paradigma exemplificado em (11) seguir. Sem ter um verbo inerentemente possessivo em seu acervo, o irlandês recorre ao existencial/locativo, a forma *tá* (que também é empregado em construções copulativas *stage level*), para realizar sua construção possessiva. Notemos que o padrão V THEME LOCATION, observado na possessiva em (11c), é o mesmo que ocorre na locativa em (11a) e na existencial em (11b), o que indica que não apenas o verbo, mas também a configuração de sentenças com predicação locativa é imitada pelas sentenças possessivas do irlandês.

- (11) a. Tá an mhin sa phota. IRLANDÊS
be the (oat)meal in.the pot
V THEME LOCATION
'The oatmeal is in the pot.'
- b. Tá mim sa phota.
be oatmeal in.the pot
V THEME LOCATION
'There is oatmeal in the pot.'

- c. Tá an peann ag Máire.
 be the pen at Mary
 V THEME LOCATION
 ‘Mary has the pen.’

Essa relação entre posse e locação se manifesta de forma interessante em algumas línguas. Um caso que merece nota é o do toba (Messineo 2004), em que orações construídas com verbos locativos como *weto ?ot* ‘está debaixo, escondido’ e *weta ?asop* ‘estar debaixo, à vista’ são empregados para expressar relações de posse alienável e temporária. Construções possessivas alienáveis seguem então a configuração locativa, em padrões como os que seguem.

- (12) a. η i Romualdo weto-?ot ha-da taGaki TOBA
 D Romualdo estar-loc fem-D panela
 ‘Romualdo tem a panela.’ (Lit: A panela está escondida debaixo de Romualdo.)
 b. ayem weta-asop da pá TOBA
 pro1 estar-loc D pá
 ‘Eu estou com a pá.’ (Lit: A pá está debaixo de mim, à vista de todos.)

O emprego dos sufixos *?ot* ‘debaixo, escondido’ e *?asop* ‘debaixo, à vista’ reporta, segundo Messineo 2004, a diferentes graus de alienabilidade. A recorrência a *?ot* não evidencia se a posse é uma propriedade permanente do possuidor; contrariamente, a recorrência a *?asop* necessariamente assinala que o possuído não é propriedade do possuidor, e que a relação física estabelecida entre este e o elemento possuído é momentânea e/ou acidental.

Ainda sobre o estabelecimento de relações possessivas sob um padrão locativo, Heine 1997 argumenta que a expressão sentencial da posse deriva sempre de um tipo frásico específico, não havendo uma estrutura com função propriamente possessiva entre as línguas naturais. Nem mesmo línguas como o inglês, que dispõem de um verbo inerentemente possessivo, apresentaria uma estrutura essencialmente possessiva, já que recorre ao padrão transitivo (um verbo acompanhado de um argumento externo e um argumento interno), típico das construções agentivas, para a expressão canônica de posse. Adotando uma visão funcionalista, o autor reúne alguns esquemas predicativos, aos quais as línguas naturais recorrem para a expressão sentencial da posse, que revelam uma identidade direta com as sentenças locativas e existenciais. Em (13) a seguir, por exemplo, temos construções que partem de uma base existencial para veicular a expressão de posse, próximas àquelas apresentadas anteriormente em (8)-(10) acima; em (14), temos novamente o esquema locativo, em que um predicador gramaticalizado com referência a partes do corpo remete à atribuição de posse (Heine 1997:52-62).

- (13) a. *waska tiya-puwan*
 rope exist-for-me
 ‘I have a rope’
 QUÉCHUA BOLIVIANO
- b. *wikikmal-em hem- wák?a míyaxwen*
 bird- PL their wing exists
 ‘(The) birds have wings’
 CAHUILLA / ASTECA
- (14) a. *seçkau a n yee- i*
 money.PL be my hand-LOC
 ‘I have money’
 KPELLE / MANDE
- b. *du ‘a vədo*
 millet at body-my
 ‘I have millet’
 GISIGA / CHADIC

O comportamento demonstrado por línguas como o *kpelle* e o *gisiga* em (14) acima, bem como o irlandês e o *toba*, com casos que foram exemplificados em (11)-(12), sugere que a noção de locação está na base de formação de construções possessivas, embora nem todas as línguas naturais revelem esta condição superficialmente. Acerca desse possível alicerce locativo abstrato, que seria compartilhado por todas as línguas naturais, Lyons 1968 é um dos primeiros autores a propor, dentro do arcabouço gerativista, uma base locativa subjacente comum às possessivas e existenciais. Para o autor, as sentenças de posse e existência são obtidas a partir de procedimentos sintáticos que, atuando numa tal ordem, afetam uma estrutura locativa e derivam aquelas construções. Partindo desta visão, Freeze 1992 compara línguas de famílias diversas e argumenta que o verbo possessivo pode ser obtido pela incorporação de uma preposição – ou de uma categoria similar – ao verbo existencial/copulativo. Posse, locação e existência seriam padrões integrantes de um único paradigma – o *paradigma locativo*, alicerçado na Gramática Universal, no dizer do autor (ver a explicação dos esquemas em (23)-(27)). Na mesma linha, Kayne 1993,1994 e Hornstein, Rosen & Uriagereka 2002 focalizam os casos de *be* e *have* do inglês e demonstram similaridades entre posse e existência, tanto do ponto de vista sintático quanto do semântico, que reforçam a tese de Freeze 1992. Kayne 1993,1994, em particular, estabelece uma abordagem unificada para o *have* possessivo e o *have* auxiliar, defendendo que ambos são obtidos pela incorporação de uma categoria abstrata ao verbo copulativo. Hornstein, Rosen & Uriagereka 2002 ilustram com clareza a abordagem proposta nos dois trabalhos de Kayne, comparando sentenças como as que seguem em (15) e argumentando que a categoria abstrata suporta um caráter inerentemente locativo (nos exemplos em questão, seriam os traços da preposição *in* que se incorporariam a *be*, condição que resultaria na realização de *have*).

- (15) a. There is a Ford T engine in my Saab.
 b. My Saab has a Ford T engine.

Uma das interpretações possíveis para a construção existencial em (15a), com *there to be*, é a mesma veiculada pela construção com *to have*: a de que existe um objeto específico guardado no interior do carro. Apesar de o constituinte que faz referência ao carro demonstrar posições e funções sintáticas diferenciadas em uma e outra sentença, e de os verbos empregados em um e outro caso consistirem em formas distintas, a relação semântica entre *a Ford T engine* e *my Saab* é preservada. Considerando essa identidade semântica, os autores argumentam que a construção existencial/copulativa e a possessiva derivam de uma mesma base subjacente, com *have* correspondendo à superficialização da cópula quando incorporada a uma categoria abstrata inerentemente locativa.

A saliência de uma condição locativa subjacente a outros padrões sentenciais pode ser corroborada por investigações no campo da aquisição da linguagem. Conforme destacado por Lemos 1987:3, dados de aquisição evidenciam que expressões locativas precedem a ocorrência de estruturas atributivas e possessivas. Para o caso do português brasileiro, focalizando a aquisição de *ser* e *estar*, os dados listados pela autora indicam que construções espaciais dêiticas com o verbo *estar* são realizadas pela criança antes que outras modalidades de sentenças estativas sejam elaboradas. Até mesmo construções nominais com uma possível interpretação possessiva, como *cauo...papai* (realizada por uma criança ao ouvir o barulho do carro do pai) ou *quêti...vovó* (com a criança diante de um chiclete dado pela avó) são realizadas com uma intenção dêitica, referindo-se a elementos da esfera locativa em torno da qual a criança se encontra. As primeiras existenciais realizadas são também de denotação locativa – *tem televisão no jonau, tem leão no zoógico?*. Posteriormente a essa fase é que as construções com predicados nominais e adjetivais passam a ser implementadas. Os dados de Lemos apontam então para a existência de uma *etapa locativa*, que antecede e pode estar atuando como um suporte primitivo para a produção das possessivas, existenciais e outras estativas.

Análises diacrônicas também podem contribuir para a argumentação em favor de uma base locativa subjacente. Os dados dispostos por Mattos e Silva (1989, 1997, 2002) em torno da variação *seer/star* e *seer/aver* no português arcaico sugerem que as expressões copulativas e existenciais com constituintes locativos foram as primeiras a ceder à inserção de novos verbos nos domínios da cópula, que abrangia todos os tipos de estativas e existenciais. Entre as estativas, os dados do período podem servir de base à hipótese de que são em sentenças como aquela em (16) a seguir, com predicado locativo, que *star* inicia sua invasão sobre o campo de *seer*. Entre as existenciais, a superposição de *aver* parece se iniciar entre as construções com constituintes locativos, do tipo em (17). No século XIII, as existenciais e estativas sem denotação locativa ainda seriam preferencialmente realizadas com *seer*, como nos casos de (18) e (19a), respectivamente (Mattos e Silva 1989: 525,543; Mattos e Silva 1997: 262; Mattos e Silva 2002: 109,111).

(16) O oratório estava *en hua casa*.

PORTUGUÊS ARCAICO

(17) *Em hua abadia* huu tesoureiro avia...

(18) a. ...foi hua vila duu homen...

b. ...foi huu homen muito honrado...

(19) a. ...as donas que enton presentes foron...

b. ...o imigo era na praça...

Ainda que focalizemos somente fatos da evolução do português, a permeabilidade à inserção de novos itens em certos estágios da língua parece evidenciar que as construções com fundo locativo atuam como contextos diretivos no processo de aquisição de copulativas e possessivas. Se consistirem, de fato, no ponto de partida para mudanças como as observadas para aquele período do português, a hipótese de que tais construções estejam na base de sentenças copulativas, possessivas e existenciais fica ainda mais guarnecida. Associado ao quadro verificado nos estudos de Lemos 1987, é plausível supor que complicações na aquisição de locativos possam desencadear alterações em outros tipos estruturais que os tomem como base, esse podendo ter sido um dos fatores que direcionaram as mudanças no português antigo.

Além da intuição em torno de uma base locativa, outro ponto que remete a uma relação universal entre possessivas, copulativas, locativas e existenciais diz respeito à combinação dos verbos empregados nessas sentenças, que costumam compor um conjunto bastante peculiar nos diferentes sistemas. Como já ressaltado, o verbo existencial corresponde, em várias línguas, à mesma forma que o verbo possessivo *e/* ou o copulativo. Há casos em que os três tipos sentenciais são realizados com o mesmo verbo, como em russo e finlandês, em (20)-(21) a seguir, respectivamente (Freeze 1992:553-554,556-557).

(20) a. kniga **byla** na stole.

RUSSO

book.NOM.FEM was on table.LOC

'The book was on the table'

b. na stole **byla** kniga.

on table.LOC was book.NOM.FEM

'There was a book on the table'

c. u menja **byla** sestra.

at 1sg.GEN was sister.NOM

'I had sister'

(21) a. mies **on** huonee-ssa.

FINLANDÊS

man.NOM is room.INESSIVE

'The man is in the room'

- b. huonne-ssa **on** mies.
 room.INESSIVE is man.NOM
 'There is a man in the room'
- c. Lüsa-lla **on** mies.
 Lisa.ADESSIVE COP MAN
 'Lisa tem um marido'

Sobre as possibilidades de combinação de itens verbais para a expressão de cópula, locação, posse e existência, Clark 1978 fornece dados significativos para a tentativa de estabelecer uma base sintático-semântica comum entre as línguas: observando uma coleção de verbos cobrindo 33 línguas de diferentes famílias, é possível observar que o maior grupo, com 16 membros, é aquele em que as línguas fazem uso de um único item para os quatro tipos sentenciais, como é o caso do finlandês, do hindi e do húngaro no quadro em (22) adiante; línguas que usam dois verbos, como o inglês e o francês, são em número de 12; línguas que empregam três verbos, como o alemão, são apenas 5. Clark 1978 não contempla em seu conjunto duas línguas ainda menos econômicas, cujo sistema parece ser mais raro que o do grupo em que se inclui o alemão: o português europeu e o espanhol, com quatro verbos para gerar as quatro construções (*ser* e *estar* para cópula, *ter/tenir* para posse e *haver/haber* para existência, respectivamente). No caso do português brasileiro, se assumirmos que o verbo *haver* não mais funciona como um existencial prototípico, podemos considerar que o sistema dessa língua funciona como o do alemão, empregando apenas três verbos (*ser* e *estar* para cópula, e *ter* para posse e existência). Tomando o arranjo de 33 línguas observado por Clark, uma vez que o comportamento *default* entre as línguas naturais parece ser o uso de um único verbo para a expressão sentencial de cópula, locação, posse e existência, mostra-se teoricamente rentável perseguir um tratamento unificado para estas sentenças. Neste sentido, uma linha interessante de investigação pode exatamente ser a empreendida por autores como Lyons 1968, Freeze 1992 e Kayne 1993,1994, já mencionados, na tentativa de confirmar (ou refutar) a idéia de que itens como *bel'être* ou *haver/avoir* em línguas como o inglês e o francês são, respectivamente, formas superficiais diferentes correspondentes a um mesmo item abstrato.

(22)

	EXISTENCIAL	COPULATIVO	LOCATIVO	POSSESSIVO	AUXILIAR
FINLANDÊS	olla	olla	olla	olla	olla
HINDI	hona	hona	hona	hona	hona
HÚNGARO	van	van	van	van	van
INGLÊS	be	be	have	have	be, have
FRANCÊS	avoir	être	avoir	avoir	avoir, être
ALEMÃO	sein, geben	sein	haben	haben	sein, haben
PORT. BRASIL	ter	ser	estar	ter	ter, ser, estar
PORT.EUROPA	haver	ser	estar	ter	haver, ser, estar, ter
ESPAÑHOL	haver	ser	estar	tener	haber, ser, estar, tener

Um outro fato a ser ressaltado é que verbos possessivos, locativos, copulativos e existenciais integram o acervo de categorias auxiliares em formações perifrásticas temporais em praticamente todas as línguas (ver a quarta coluna no quadro acima). Benveniste 1966 observa, tanto no plano sincrônico como no diacrônico, que gramáticas de famílias diversas tendem a se comportar similarmente no emprego da posse e da cópula em composições perifrásticas: os possessivos, nas línguas em geral, são empregados nas perífrases perfectivas, e os copulativos, nas perífrases da voz passiva em línguas que a realizam sob a forma analítica. Para o caso específico do português, o estudo de Ribeiro 1996 em torno de perífrases do português antigo demonstra correlações que vão ao encontro do sugerido por Benveniste 1966: *ter* passou a integrar os tempos compostos somente após se tornar a forma canônica para a expressão de posse, o que teria levado o verbo para uma condição de neutralidade temática (já que verbos possessivos são itens gramaticalizados). Da mesma forma, *estar* deve ter passado a compor locuções gerundivas somente após adquirir o mesmo caráter esvaziado que *ser*. Esses verbos precisaram então sofrer um processo de enfraquecimento semântico (ou de *gramaticalização*) para poder integrar o acervo de verbos auxiliares do português. Traduzindo conforme o exposto até aqui, *ter* e *estar*, que no português arcaico podiam ocorrer como formas semanticamente plenas, tiveram de integrar o mesmo paradigma que o dos verbos copulativo e possessivo, esvaziando-se semanticamente, para exercerem uma função auxiliar. Tal processo sugere que verbos locativos, copulativos, possessivos e existenciais compõem um conjunto fechado, portadores de particularidades entre si não exibidas por outros itens verbais.

A equivalência temática entre possessivas, locativas, copulativas e existenciais é outro ponto que favorece um tratamento unificado para esse conjunto de sentenças. Freeze 1992 parte desse aspecto para elaborar um quadro formal em que possessivas e existenciais derivam de uma estrutura subjacente em comum nucleada por uma preposição locativa. A arquitetura interna de posse e existência seria então um predicado locativo, com as duas expressões diferindo superficialmente das estritamente locativas por propriedades associadas a efeitos de definitude (ver, por exemplo, as construções em (2)-(7)).

Sobre este ponto, observemos o caso do hindi a seguir, discutido em Freeze (1992:560). A locativa em (24) e a existencial em (25) derivam das estruturas em (23a) e (23b), respectivamente. A disposição temática de ambas é a mesma: a preposição *mēē* 'in' atribui em uma e outra construção os mesmos papéis para seus argumentos na posição de sujeito (*māī* 'I' e *aadmī* 'man') e complemento (*hindustaan* 'India' e *kamree* 'room'). A diferença recai sobre efeitos de definitude: em (23a), o elemento na posição de especificador do PP (do inglês *prepositional phrase* 'sintagma preposicional') é definido, enquanto em (12b), indefinido. Freeze 1992 associa então o alçamento de *māī* em (24) a essa propriedade; a realização de uma locativa dependeria, nesses termos, de um constituinte definido sobre o qual o alçamento para a posição de especificador do IP (do inglês *inflectional phrase*) fosse licenciado. Em (23b)/25, *admī* permanece

- (29) a. Já teve mais políticos corruptos *no Brasil*.
b. *O Brasil* já teve mais políticos corruptos.

Um dos primeiros a debater o paralelismo nessa língua foi Câmara Jr. (1973:103), para quem a alternância entre a expressão existencial e a expressão possessiva reporta a *uma mudança de formulação mental*, a partir das mesmas categorias frásicas. O autor ressalta que o emprego de uma expressão locativa como sujeito acompanhava o *habere* no latim vulgar, exatamente como em português. A construção impessoal permitiria visualizar o lugar como cenário, em vez de se partir dele como um possuidor. As frases com *ter/haver* impessoal apresentariam o predicado como um estado isolado em si mesmo, sem referência a um possuidor que a ele fosse externo, como ocorre entre as possessivas. O fato de o português vir repetindo a mudança observada no latim é uma prova, para o autor, de que o processo consiste numa tendência de formulação mental, manifestada também por outras línguas naturais.

Se considerarmos as copulativas, o paralelismo adquire um caráter bem mais complexo que o apontado por Câmara Jr 1973. Da mesma forma que o observado por Freeze 1992 para outras línguas, não apenas as possessivas e existenciais do português brasileiro vão integrar um paradigma de preservação temática, mas também as construções com *ser* e *estar*. Por exemplo, as sentenças em (30)-(33) a seguir demonstram, em cada conjunto, uma mesma disposição temática, sem qualquer alteração aparente nos papéis dos constituintes que integram uma ou outra construção.

- (30) a. Tem muitos políticos da direita apoiando o Fome Zero do PT.
b. Muitos políticos da direita estão apoiando o Fome Zero do PT.
c. O PT tem muitos políticos da direita apoiando o Fome Zero.
d. O PT está com muitos políticos da direita apoiando o Fome Zero.
e. A direita tem muitos políticos apoiando o Fome Zero do PT.
f. A direita está com muitos políticos apoiando o Fome Zero do PT.
- (31) a. Tem vários amigos meus com dengue.
b. Vários amigos meus estão com dengue.
c. Eu tenho vários amigos com dengue.
- (32) a. Alguns políticos do PFL são loucos pelo poder.
b. Alguns políticos do PFL estão loucos pelo poder.
c. O PFL tem alguns políticos loucos pelo poder.
d. Tem alguns políticos do PFL loucos pelo poder.
- (33) a. Tem alguns líderes europeus favoráveis à permanência americana no Iraque.
b. Alguns líderes europeus estão favoráveis à permanência americana no Iraque.
c. Alguns líderes europeus são favoráveis à permanência americana no Iraque.

Focalizando aqueles casos em (30), todos os constituintes nominais da existencial em (a) podem ocupar a posição de sujeito de construções com *ter* ou *estar*, sem aparente alteração no estado de coisas indicado na primeira sentença. A relação entre *muitos políticos, a direita, o Fome Zero e o PT* são as mesmas, independentemente de um ou outro constituinte ocorrer na posição de sujeito ou adjacente ao termo com o qual estabelece, *grosso modo*, uma relação de posse. Em (31), a construção existencial remete à mesma condição que a da estativa em (b) e a da possessiva em (c). Em (32) e (33), apesar de *ser* e *estar* serem respectivamente tratados como demarcadores de atribuição permanente e transitória, a relação temática entre o sujeito e o predicado adjetival é mantida.

Apesar de ser abordado de forma ainda “tímida” na descrição do português, o paralelismo temático entre possessivas, locativas, copulativas e existenciais corrobora a idéia de que *ter*, *ser* e *estar* nessa língua são formas verbais semanticamente leves. Um ponto em favor dessa afirmação é o fato de os três itens integrarem o acervo das formas auxiliares em português, cuja função só pode ser desempenhada por itens que não afetam o caráter temático do verbo com o qual se relacionam: *ter*, por exemplo, se associa com o particípio passado para a formação de tempos compostos; *ser* é o verbo auxiliar das construções passivas; e *estar* se combina com seqüências gerundivas para a expressão de determinadas marcas aspectuais.

Sendo formas semanticamente esvaziadas, o que supomos a partir da observação dos casos em (30)-(33), como explicar que esses verbos integram tipos sentenciais bem demarcados, tanto do ponto de vista sintático como do semântico? Além disso, por que a língua opta por estabelecer três formas diferenciadas para desempenhar uma funcionalidade semântica aparentemente nula? Se observarmos outras línguas, a problemática adquire um novo contorno: em alguns sistemas, como o finlandês e o russo – com casos referidos anteriormente em (20)-(21) – os verbos para a expressão de posse, cópula e existência são os mesmos; outros, como os do inglês e do francês, dispõem de dois verbos; outros, como o português europeu, dispõem de quatro. Se, por um lado, o sistema do finlandês é ideal para a percepção de que os verbos possessivos, locativos, copulativos e existenciais são semanticamente vazios, o português europeu parece contribuir para o contrário. Ainda assim, Eduardo Raposo (comunicação pessoal) assevera que o português europeu vai dispor do mesmo paralelismo temático que o observado em português brasileiro nas sentenças de (30)-(33), com a diferença de que, entre as existenciais, o verbo será sempre *haver*. Essa aparente incongruência teórica pode ser sumarizada da seguinte forma: o paralelismo temático observado entre possessivas, estativas e existenciais sugere estarmos diante de formas com um mesmo conteúdo semântico – ou, quem sabe, sem nenhum conteúdo semântico; ao mesmo tempo, a especialização de *ser*, *ter* e *estar* em tipos sentenciais específicos indica que esses verbos dispõem de uma especificidade semântica, complicando a análise destes como formas semanticamente esvaziadas.

Se propostas como as de Benveniste 1966 e Freeze 1992 estiverem corretas, esse aparente paradoxo pode estar radicado em propriedades universais subjacentes à composição de possessivas, copulativas e existenciais. Em português brasileiro, a diferença entre as formas verbais consistiria num acidente superficial, cujas causas radicam em fatos diacrônicos específicos e/ou em peculiaridades da gramática dessa língua. Seguindo a proposta de Freeze 1992, as três expressões devem resultar de esquemas predicativos como os esboçados em (34)-(37) a seguir, similar ao padrão locativo proposto pelo autor (ver os esquemas em (23)-(27)), correspondentes respectivamente àquelas expressões em (30)-(33): uma forma verbal básica V toma uma instância predicativa PredP como complemento, sobre cujos constituintes alguns procedimentos sintáticos podem ser aplicados, determinando a formação de um dos três tipos sentenciais. A questão que se deve perseguir para que o paradoxo seja desfeito diz respeito, então, a como se efetiva o processo que permite à forma uma verbal básica e abstrata ora ser realizada como *ter*, ora como *ser*, ora como *estar*.

(34) [_{VP} V [_{PredP} muitos políticos de direita [_{Pred'} apoiando [_{DP} o Fome Zero do PT]]]

(35) [_{VP} V [_{PredP} vários amigos meus [_{Pred'} com dengue]]]

(36) [_{VP} V [_{PredP} alguns políticos do PFL [_{Pred'} loucos [_{pp} pelo poder]]]

(37) [_{VP} V [_{PredP} alguns líderes europeus [_{Pred'} favoráveis [_{pp} à permanência americana no Iraque]]]

Em Avelar 2004, foram consideradas uma série de construções possessivas, locativas, copulativas e existenciais do português brasileiro para mostrar que *ter*, *ser* e *estar* eram realizações diferenciadas de uma mesma categoria abstrata. Não é possível, nos limites deste trabalho, detalhar o quadro formal desenvolvido dentro daquele trabalho para dar conta das propriedades de construções com tais verbos, mas, em linhas gerais, a idéia defendida pelo autor é a de que o paralelismo temático entre as construções com cada um desses itens resultaria do fato de serem realizações morfológicas diferenciadas para uma mesma categoria verbal. Em um certo sentido, estaríamos diante de alomorfas gramaticalmente condicionadas, nos termos que vem sendo propostos dentro da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, Harley & Noyer 2003, Embick & Noyer 2004) em trabalhos como os de Bobaljik 2001. Haveria, portanto, uma mesma base derivacional para as expressões de existência, cópula, locação e posse, construídas em torno de um mesmo predicador abstrato. A realização do verbo como *ter*, *ser* ou *estar* dependeria de condições estruturais específicas nas quais os traços correspondentes à categoria abstrata viessem a se encontrar. Assim, por exemplo, os traços de uma preposição abstrata, quando incorporados aos traços do verbo existencial, resultaria na ocorrência do verbo possessivo (o *ter*-possessivo seria então resultante da incorporação

de uma categoria abstrata ao *ter*-existencial); da mesma forma, os traços de uma categoria abstrata responsáveis por uma interpretação *individual level*, que geralmente coincide com a de estado permanente, se incorporariam aos traços do verbo existencial para derivar o verbo copulativo clássico (a forma *ser*); já os traços de uma categoria abstrata responsáveis por uma interpretação *stage level*, que aponta para um estado adquirido *e/* ou transitório, também sofreriam incorporação aos traços do verbo existencial para derivar o verbo copulativo estativo (a forma *estar*).

Em algumas línguas, o amálgama de categorias adposicionais (preposições ou posições) a um verbo semanticamente esvaziado para gerar construções como as de posse se manifesta abertamente. É o caso, por exemplo, do amárico e do kamaiurá, com dados apresentados a seguir. No amárico, como apresentado em (38), a forma *alläw*, correspondente a *havelter*, traz uma preposição dativa embutida ao complexo derivado a partir da cópula, que é o índice *lä* (Ouhalla 1998:3). O kamaiurá, por sua vez, associa a cópula *-eko* ‘ser, estar’ ao prefixo *-ero-*, de valor ‘causativo, comitativo’ (Seki 2000:304) em suas sentenças possessivas, como vemos em (39). Dessa forma, línguas como o amárico e o kamaiurá denunciam na sua morfologia processos gerativos que línguas como o português e o inglês devem realizar subjacentemente, sem manifestação superficial.

(38) Kassa däbtar alläw.

AMÁRICO

Kassa notebook there-is-to-him
‘Kassa has a notebook.’

(39) je=r -a’y r -a w-ereko ywyrapar-a.

KAMAIURÁ

1sg filho ter arco
‘Meu filho tem arco.’

Este artigo focalizou certas propriedades morfossintáticas e semânticas para amparar a tese de que as construções copulativas, locativas, possessivas e existenciais são forjadas a partir de uma “mecânica” subjacente comum às diferentes línguas. As diferenças superficiais, que num primeiro momento comporiam um obstáculo à tese de estarmos diante de fenômenos lingüísticos universais, acabam por revelar certos paralelismos interlingüísticos que não podem, de forma alguma, ser tomados como frutos de uma simples coincidência. Tais paralelismos podem consistir num epifenômeno da forma como o aparato lingüístico mental, inato, presente em todos os indivíduos da espécie, elabora sentencialmente as noções de posse, cópula, locação e existência. Em suas diversas nuances de significação, a expressão desses conceitos na forma de padrões fráscos específicos obedece a regras de caráter bem geral, compartilhadas entre as diferentes línguas naturais. Estabelecer um programa de investigação que contemple uma abordagem unificada em torno dos quatro padrões, seja focalizando uma única gramática, seja abrangendo sistemas gramaticais diversos, permitirá a elucidação de

propriedades importantes da faculdade da linguagem, bem como da sua interface com outros sistemas de performance da mente humana, no sentido que vem sendo proposto nos diversos trabalhos desenvolvidos à luz da lingüística gerativa desde a sua fundação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELAR, J. (2004). *Dinâmicas morfossintáticas com 'ter', 'ser' e 'estar' em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. IEL-UNICAMP.
- BENVENISTE, E. (1966). *Problemes de lingüistique generale*. Paris: Gallimard.
- BOBALJIK, J. (2001). *The ins and outs of contextual allomorphy*. MS.
- CÂMARA JR., J.M. (1973). *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- CHOMSKY, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.
- CLARK, E. (1978). Locational: existential, locative and possessive constructions. Em Greenberg (ed), *Universal of human languages*, V. 4. Stanford: Stanford University Press, pp 85-126.
- EMBICK, D. & Rolf Noyer. (2004). *Distributed Morphology ant the Syntax/Morphology Interface*. Ms.
- FREEZE, R. (1992). Existential and other locatives. *Language* 68. 553-595.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. (1993). Distributed Morphology and pieces of inflection. In: Halle e Kaiser, *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, pp.111-176.
- HARLEY, H. (2001). *Possession and double object construction*. Extraído em 10/10/2003 de <http://linguistics.arizona.edu/~harley>.
- HARLEY, H. & Rolf Noyer. (2003). *Distributed Morphology*. Extraído em 09/09/2003 de <http://linguistics.arizona.edu/~harley>.
- HEINE, B. (1997). *Possession: cognitive sources, sources and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HORSTEIN, N.; Sara Rosen e Juan Uriagereka. (2002). *Integrals*. (Disponível em 11/10/2002 em <http://www.ling.umd.edu/Uriagereka/papers.html>)
- KAYNE, R. (1993). Toward a modular theory of auxiliary selection. *Studia Linguistica* 47. 3-31.
- _____. (1994). The antisymmetry of Syntax. Linguistic Inquiry Monograph Twenty-Five. Cambridge: The MIT-Press.
- LEMONS, C. (1987). *Ser and estar in Brazilian Portuguese*. Tübingen (Narr).
- LYONS, J. (1968). *Introduction to theoretical linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTOS E SILVA, R.V. (1989). *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____. (1996). A variação haver/ter. Em Mattos e Silva (ed), *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA/UEFS/CNPq, 181-194.

- _____. (1997). Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, 19. 253-285.
- _____. (2002). Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. Em Mattos e Silva e Machado Filho (eds), *O português quinhentista*. Salvador: EDUFBa/UEFS, 119-142.
- MESSINEO, C. (2004). La posesión en toba. MS.
- OUHALLA, J. (1998). *Possession in sentences and noun phrases*. (disponível em 04/04/2003 em <http://www.usc.edu/dept/LAS/linguistics/semitic/pdf/ur.pdf>)
- RIBEIRO, I. (1996). A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter, haver e ser*. Em Roberts e Kato (eds), *Português brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 343-386.
- SEKI, L. (2000). *Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial.